

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA

UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS – UNAT – BRASIL

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**CARÍCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO PROFESSORES
PODEM CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS
CRIANÇAS**

ROSA CRISTINA FERREIRA DE SOUZA

CRICIÚMA – SANTA CATARINA

2014

CARÍCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO PROFESSORES

PODEM CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS

CRIANÇAS

**CARÍCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO PROFESSORES
PODEM CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS
CRIANÇAS**

ABSTRACT

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o papel do professor na educação infantil, com foco no desenvolvimento emocional das crianças. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Santa Catarina, com a participação de 20 crianças e 5 professores. Os dados foram coletados por meio de observações e entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicam que os professores desempenham um papel fundamental na promoção do desenvolvimento emocional das crianças, atuando como modelos de comportamento e oferecendo suporte emocional. A pesquisa também aponta a necessidade de formação continuada para os professores, visando melhorar suas habilidades de observação e registro, bem como suas estratégias de intervenção pedagógica.

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais – UNAT – BRASIL como requisito parcial do curso de Pós-Graduação para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

Orientador: Eduardo de Souza Búrigo

CRICIÚMA – SANTA CATARINA

2014

**CARÍCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO
PROFESSORES PODEM CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS CRIANÇAS**

**STROKES IN THE CONTEXT OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION:
HOW TEACHERS CAN CONTRIBUTE TO THE EMOTIONAL
DEVELOPMENT OF CHILDREN**

ROSA CRISTINA FERREIRA DE SOUZA¹

Faculdade JK de Tecnologia

UNAT-BRASIL – União Nacional de Analistas Transacionais

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de problematizar aspectos da interação entre professoras e crianças da educação infantil (na faixa de 2-3 anos), a partir do conceito de Carícias – Análise Transacional. O material de análise consiste em um recorte do corpus que constitui pesquisa de doutorado da autora² (SOUZA, 2014) e consiste na descrição de um acontecimento rotineiro no contexto da escola estudada envolvendo duas crianças em conflito e a intervenção da professora. A análise aponta para a necessidade de instrumentalização das professoras para que promovam maior qualidade no desenvolvimento emocional infantil.
PALAVRAS-CHAVE: Carícias. Análise Transacional. Educação infantil.

ABSTRACT

This article aims to discuss aspects of the interaction between teachers and children in the early childhood education (in the range of 2-3 years), from the concept of Strokes – Transactional Analysis. The analytical material consists of a clipping of the corpus that constitutes doctoral research by the author (SOUZA, 2014) and consists of the description of a routine event in the context of the school studied involving two children in conflict and the intervention of the teacher. The analysis points to the need for exploitation of the teachers for promoting higher quality on children's emotional development.
KEY-WORDS: Strokes. Transactional Analysis. Early childhood education.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Especialista em Análise Transacional. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: rosacristina-psi@hotmail.com.

² A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina e encontra-se registrada sob o protocolo 12.545.8.01.III emitido em 08/04/2013.

INTRODUÇÃO

É sabido que a família tem um importante papel como primeira instância de socialização da criança, (BERGER; LUCKMANN, 2002) lugar em que, primeiramente, estabelecem-se os vínculos afetivos; e que os pais são pessoas determinantes no processo de desenvolvimento infantil (BABCOCK; KEEPERS, 1976; STEINER, 1976). Entretanto, também como uma instituição socializadora, a escola influencia no processo de desenvolvimento cognitivo e emocional da criança:

[...] saber lidar com as circunstâncias emocionais na sala de aula, muito frequentemente nos alunos da faixa etária entre três e seis anos, é uma garantia para o desenvolvimento das atividades escolares [...] a pré-escola é um espaço onde as emoções são mais frequentes e transparentes e o professor tem um papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança (ALMEIDA, 1999, p.14).

As creches municipais têm sido amplamente utilizadas especialmente por famílias trabalhadoras que buscam apoio da instituição no cuidado de suas crianças. Assim, cada vez mais cedo as crianças começam a frequentá-las, algumas desde bebês, tão logo termine a licença maternidade de suas mães. A oferta do período integral torna o tempo de permanência da criança nesse contexto ainda mais longo e, assim, ressalta-se a importância dos vínculos estabelecidos entre crianças, professoras e famílias.

A proposta desse artigo pauta-se no estudo das interações professor-criança, particularmente no modo como as professoras estabelecem padrões de Carícias, na perspectiva da Análise Transacional.

O conceito de Carícia foi apresentado por Eric Berne ([1961] 1977), como Unidade de Reconhecimento Humano referindo-se a estímulos sociais trocados entre as pessoas. Tais estímulos podem ser físicos, verbais ou de outra natureza. Ocorre que tais Carícias podem ser Positivas ou Negativas, condicionais ou incondicionais (BABCOCK; KEEPERS, 1976) e tanto a abundância ou escassez de Carícias quanto à maneira como são emitidas interfere no modo como as crianças percebem e se posicionam no mundo.

Tendo em vista o exposto, este artigo tem como objetivo, discutir o modo como as professoras de Educação Infantil conduzem situações envolvendo conflito entre as crianças sob a perspectiva do conceito de Carícia.

No decorrer do artigo apresentam-se informações sobre a Educação Infantil brasileira e as bases teóricas da Análise Transacional, em especial os elementos teóricos que se relacionam diretamente com a proposta do artigo: Estados de Ego e Carícias.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA

Historicamente a educação da criança era assumida pela família ou pelo grupo social de convívio – a comunidade, a tribo, entre outros. A organização social, principalmente com o processo de industrialização, alterou o cotidiano público e privado: “a tutela, a socialização e a educação da criança passam a ser compartilhadas por diversos segmentos públicos, deixando de ser uma tarefa exclusivamente privada” (ROCHA; SILVA FILHO; STRENZEL, 2001, p. 7).

As sociedades modernas têm se deparado com imensos desafios no que concerne à educação de crianças, desafios estes enfrentados tanto pelas instituições educacionais quanto pelas famílias (neste último caso, por exemplo, quanto à imposição de limites, quanto ao gerenciamento de informações e tecnologia, entre outros).

As transformações ocorridas nas últimas décadas nos impõem uma reflexão acerca da responsabilidade social sobre a criança. Contemporaneamente, nos países onde o avanço da economia e as conquistas sociais são uma realidade, a educação infantil é vista como uma tarefa pública socialmente compartilhada, que se reflete em políticas públicas que respeitam os direitos da criança e associam-se, frequentemente, às políticas sociais voltadas para a família (ROCHA; SILVA FILHO; STRENZEL, 2001).

No Brasil, a creche surge no final do século XIX, decorrente do intenso processo de industrialização e urbanização do país. Portanto, a história do atendimento à infância corresponde inicialmente a uma perspectiva filantrópica de caráter marcadamente assistencial (MERISSE, 1997). Para crianças das classes socioeconomicamente mais abastadas, o modelo de creche se desenvolveu no diálogo com práticas escolares. Tal demarcação institucional estabeleceu também uma diferenciação no tratamento com as crianças, ficando “o cuidar como atividade meramente ligada ao corpo e destinada às crianças mais pobres, e o educar como experiência de promoção intelectual reservada aos filhos dos grupos socialmente privilegiados” (BRASIL, 2009b, p.1, *grifos do relator*). O reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado e um direito social das crianças se concretiza na Constituição de 1988.

A Educação Infantil brasileira faz parte da Educação Básica, sendo oferecida em instituições educacionais de caráter público ou privado: creches, pré-escolas, escolas, centros ou núcleos de educação infantil, com a finalidade de cuidar de e educar crianças de zero a cinco anos de idade.

A Educação Infantil tem um compromisso sociopolítico e pedagógico preconizado pelas Diretrizes Nacionais (BRASIL, 2009b), tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, por meio de práticas pedagógicas cotidianas.

Portanto, as propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constroi sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constroi sentidos sobre a natureza e a sociedade. O processo educativo da criança deve assegurar-lhe a educação na sua integralidade, ou seja, educar e cuidar como indissociáveis:

O trabalho pedagógico organizado em creche ou pré-escola, em que cuidar e educar são aspectos integrados, se faz pela criação de um ambiente em que a criança se sinta segura, satisfeita em suas necessidades, acolhida em sua maneira de ser, onde ela possa trabalhar de forma adequada suas emoções e lidar com seus medos, sua raiva, seus ciúmes, sua apatia ou hiperatividade, e possa construir hipóteses sobre o mundo e elaborar sua Identidade (sic). (OLIVEIRA, 2010, p.10)

Ou seja, a dimensão 'cuidado' é prioritária e não há como educar a criança sem que sejam atendidas suas necessidades básicas de ordem física, social e psicológica: higiene, alimentação, descanso, saúde, acolhimento, respeito, convívio, entre outros.

Diante de todos esses aspectos é indispensável considerar a relevância do estudo do sistema de Carícias das creches, pois se vincula diretamente ao eixo cuidar-educar.

ANÁLISE TRANSACIONAL (AT)

Análise Transacional é uma teoria do campo da Psicologia, criada por Eric Berne (1910-1970) médico psiquiatra nascido em Montreal (Canadá). O termo Transacional deve-se ao interesse de Berne nas relações interpessoais, no processo de comunicação (Transações) e sua repercussão para a constituição da personalidade.

"Transação" refere-se a um estímulo emitido de uma pessoa para outra que, por sua vez, responde a tal estímulo. Para Woollams e Brown (1970), "transação é a troca de Carícias entre duas pessoas, e consiste num estímulo e numa resposta entre dois Estados de Ego específicos" (p. 71). Uma transação, portanto, consiste sempre no envio de um estímulo ou mensagem e na resposta, que, por sua vez, também é um estímulo.

Nós nos relacionamos (transacionamos) com as pessoas a partir de nossos Estados de Ego. Os Estados de Ego equivalem a um sistema de sentimentos e pensamentos que geram determinadas condutas. Sistema, porque não podem ser pensados separadamente, pois interagem. Há um conjunto de sentimentos, pensamentos e respectivos comportamentos que configuram cada Estado de Ego, nomeados como Pai (P), Adulto (A) e Criança (C). Este conjunto pode ser entendido como a personalidade.

Estruturalmente, o Estado de Ego Pai é a parte parental, representa a assimilação de condutas, pensamentos e sentimentos dos pais (ou substitutos), realizadas na infância. O Pai¹ funciona de modo a cuidar/apoiar ou proteger e controlar a Criança. É como uma coleção de códigos de vida pré-registrados e pré-julgados. Quando uma pessoa está no Estado de Ego Pai, ela pensa, sente e se comporta como um de seus pais ou substitutos. Assim, são registros cerebrais de eventos externos vivenciados pela criança junto a seus pais ou pessoas substitutas, portanto, são condutas ensinadas/aprendidas. São funções deste Estado de Ego estabelecer regras e leis, cuidar, educar, proteger, alimentar, moralizar, servir de modelo, controlar e ensinar a viver em sociedade.

O Estado de Ego Adulto é a parte do Ego que raciocina objetivamente, analisando a realidade e decidindo entre o adequado e inadequado, atuando como um computador, ou seja, reúne dados da realidade em um processo objetivo de planejamento e ação. Kertész (1987) acrescenta que o Estado de Ego Adulto pode trabalhar com informações internas e externas, analisando-as e comparando-as com seu “banco de dados” para que tome as decisões adequadas a cada situação.

Quanto ao Estado de Ego Criança, é o primeiro Estado de Ego que surge na constituição da Estrutura da Personalidade. Caracteriza-se por pensamentos, sentimentos e comportamentos relacionados à criança. Ou seja, quando estivermos no Estado de Ego Criança, vamos ouvir e reagir como uma criança. Nele estão gravadas sensações das primeiras grandes experiências. É constituído por emoções e os correspondentes psicológicos do corpo (imagem corporal, sensações, sentimentos). Habitam este Estado de Ego criatividade, curiosidade, desejos de explorar e saber.

Portanto, “um Estado de Ego pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito e operacionalmente como um conjunto de padrões coerentes de comportamento” (BERNE, 1985, p.17). Ou seja, nós somos o que pensamos, agimos e sentimos, conforme constituídos nossos Estados de Ego.

¹ Quando escritas com iniciais minúsculas, Pai, Adulto e Criança referem-se aos Estados de Ego, se minúsculas, referem-se a pessoas.

Funcionalmente os Estados de Ego Pai e Criança subdividem-se em: Pai Crítico e Pai Protetor e Criança Livre e Criança Adaptada (STEINER, 1976). O Pai Crítico caracteriza-se por imposição de normas rígidas e irrefletidas, de maneira severa e impositiva. Moralidade, normatividade e autoridade regem sua conduta. O Pai Protetor tem as funções de sustentar e proteger. Acalma a Criança, lhe dá Permissões para que seja, viva, entre outras, permitindo crescimento e desenvolvimento da individualidade. No que se refere ao Estado de Ego Criança, a Criança Livre é espontânea, extravasa emoções. Este Estado de Ego permite desfrutar emocionalmente a vida, amar, ter Intimidade. A Criança Adaptada, ao contrário da Livre, é influenciada pelo Pai, comportando-se de acordo com a programação parental. O Estado de Ego Criança Adaptada subdivide-se ainda em Criança Submissa e Criança Rebelde. A primeira obedece a normas e expectativas parentais o que, em certa medida, é o que possibilita o convívio em sociedade, mas, em seu extremo, desencadeia grande número de patologias. A segunda é o oposto da primeira, desafia, faz oposição, confronta.

Os Estados de Ego podem ser diagnosticados a partir de manifestações de atitudes, ações e modo de vida. O aspecto comportamental é o primeiro a ser considerado: gestos, tom de voz, palavras e expressão facial são as variáveis que compõem este critério. Cada Estado de Ego manifesta características comportamentais específicas. Exemplo: O Estado de Ego Pai pode ser caracterizado por gestos como o dedo em riste (Pai Crítico); gesto de acalantar, sorriso compreensivo (Pai Protetor). O Adulto caracteriza-se pelo uso de palavras racionais e objetivas, pela expressão interessada, pelo questionamento e busca de informação: “Como”, “Por quê?”. O Estado de Ego Criança caracteriza-se por atitude chorosa ou brincalhona, pelo tom de voz elevado, estridente e uso de interjeições, como Oba! Viva!.

Nas Transações entre as pessoas é a partir dos Estados de Ego que se dão as Carícias. Eric Berne (1998) denominou de Unidade de Reconhecimento Humano o que é partilhado pela Análise Transacional como Carícias. Woollams; Brown (1970, p. 51) consideram que “[...] Carícia é a unidade de atenção que proporciona estimulação ao indivíduo”.

Kertész (1987) considera que as Carícias são estímulos sociais realizados por meio do reconhecimento de um ser vivo para com outro. Kertész (1987) apresenta uma classificação das Carícias a partir das seguintes categorias: Considerando sua influência no bem-estar (físico, psicológico e social), podem ser adequadas, que aumentam o bem-estar em longo prazo ou inadequadas, que provocam o mal-estar a curto ou longo prazo. Pela Emoção ou sensação que convidam a sentir, podem ser Positivas, entendidas como aquelas que convidam a emoções ou sensações agradáveis ou Negativas, as que convidam a emoções ou

sensações desagradáveis. Ainda pelas exigências ou condições para dar ou receber Carícias, podem ser Incondicionais quando dadas ou recebidas pelo simples fato da pessoa existir ou Condicionais, dadas ou recebidas por comportamentos objetivos (dizer ou fazer, ou não dizer ou não fazer algo). E, por fim, pelo meio de transmissão, são classificadas em físicas ou de contato, verbais, gestuais e escritas.

As Carícias incondicionais estão pautadas naquilo que a criança é para o adulto. São emitidas sem uma condição prévia ou posterior, ou seja, não estão condicionadas a algo que a pessoa fez ou fará, ou a alguma característica que a destaque em relação aos outros. Carícias Incondicionais atingem diretamente o *Self* e podem ser Positivas ou Negativas dependendo das emoções ou sensações que provocam. (KERTÉSZ, 1987).

Por sua vez, as Carícias Condicionais estão pautadas na ação do outro, por exemplo, se a criança age da maneira que o adulto entende como correta normalmente recebe uma Carícia adequada, Positiva. No entanto, se a criança apresenta um comportamento considerado errado pelo adulto certamente receberá uma Carícia inadequada, Negativa, ou seja, que provoca sensação de mal estar.

No convívio familiar a criança aprende a dar e receber Carícias e elege suas preferidas, conforme a disponibilidade e intensidade como lhe são emitidas. Assim, uma Carícia Negativa é desejada se é só o que lhe está disponível, por exemplo: “Toque-me, eu existo. Se não me querem, pelo menos batam em mim” (KERTÉSZ, 1987, p. 72). Desse modo, ainda que com uma Carícia Negativa, a criança está sendo reconhecida – a ausência de Carícia lhe é mais ameaçadora.

Steiner (1997) identifica que existe uma monopolização acerca das Carícias a qual denominou Economia de Carícias: não dê Carícias Positivas; não aceite Carícias Positivas; não peça Carícias Positivas; não se dê Carícias Positivas e não recuse Carícias Negativas. As pessoas aprendem que não devem dar Carícias mesmo que possam ou queiram dar, que não devem pedir Carícias quando precisam ou simplesmente querem, não devem aceitar Carícias mesmo que as queiram, não devem rejeitar Carícias, mesmo sendo Carícias inadequadas e Negativas.

A inserção das crianças em relações de economia de Carícias pode inibir o que Steiner (1997) chamou de Educação Emocional, a habilidade de entender suas emoções, expressá-las, ouvir os outros e ter empatia por suas emoções tendo a capacidade de compreendê-las, administrá-las e controlá-las. (STEINER, 1997).

Pais, babás e professores são pessoas que convivem longos períodos de tempo com crianças e que têm forte influência na forma como administrarão suas Carícias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observa-se no cotidiano da creche grande empenho das professoras para promoverem a boa convivência entre as crianças. Um aspecto chama atenção pela alta repetição, o incentivo e a cobrança das professoras para que as crianças se desculpem quando entram em conflito por algum motivo: disputa de brinquedos, xingamentos, colisões, tapas e outros. Abaixo é apresentada uma das cenas:

Um menino e uma menina estão sentados sobre um tapete no pátio externo. De frente uma para a outra, brincam com seus pés tocando-os em movimento de empurrar os pés uma da outra. O movimento se repete algumas vezes e o menino decide empurrar com mais força seu pé que bate no corpo da menina. Ela chora e sai em direção à professora, se queixando e chorando. A professora vai buscar o menino e retorna com ele para o lugar onde estava sentada observando as crianças. A menina havia permanecido ali. Então ela aproxima as duas crianças e toma duas atitudes: Adverte o menino, com o dedo em riste, dizendo, em tom baixo, mas de zanga: “Não pode bater! Ela é tua amiga. Pede desculpa!” Nesse momento as crianças estão de pé e de frente uma para a outra. A professora coloca as mãos nas costas de ambas e as aproxima mais, dizendo: “Abraça a tua amiga. Dá beijo.”. O menino executa todas as ações pedidas. A menina se deixa abraçar, mas seus braços estão esticados rente ao seu corpo. Não é receptiva. Sua expressão facial não se alterou com o gesto do menino. A cena se encerra com a professora dizendo às duas crianças para irem brincar.

Fonte: Souza, 2014.

Provavelmente o pedido de desculpas produz diferentes sentidos para os três envolvidos. Se reconhecida como o sujeito que sente, que é afetado emocionalmente, talvez fosse possível deixar que a menina escolhesse como quer receber as desculpas e se quer fazê-lo, que Carícia quer pedir ou recusar. Entretanto, do modo como a professora intervém, comprimindo as mãos nas costas da menina para aproximá-la do abraço de desculpas, há uma imposição que pode ser lida como: “Aceite Carícias ainda que não queira”. Culturalmente, saber desculpar é ser educado e há a crença de que resolve/minimiza conflitos, instaura a paz. Entretanto, da forma como se apresenta, podem ser entendidas como Carícias inadequadas do ponto de vista da classificação de Kertész (1987), pois provocam mal estar. A professora proporciona à menina uma Carícia inadequada, uma vez que se percebe a resistência dela ao

abraço/pedido de desculpas do menino – a não receptividade pode ser indicadora de sensação de mal estar diante do gesto.

Utilizando seu Estado de Ego Pai Crítico a professora desconsidera a emoção da menina, já que não pergunta a ela como se sente e o que quer fazer ou pedir diante do acontecido, não promove o diálogo entre as crianças de modo que o menino também possa reconhecer como sua ação repercutiu na colega. O que se percebe é a reprodução de um gesto “mecânico” de: “fez coisa errada, peça desculpa” e “aceite desculpas”. Para não deixar dúvidas, “abracem-se”, assim tudo ficará bem. É também no Pai Crítico que a professora transaciona com o menino: com o dedo em riste e tom da voz zangado, assume posição autoritária proibindo que bata na colega e o conduz à aproximação física/abraço.

É importante ressaltar que a professora executa seu papel entendendo que sua ação está adequada, que é a forma correta de conduzir o processo e estabelecer bem estar atendendo à prerrogativa da LDB: educar e cuidar. Não se dá conta de que está utilizando o Pai Protetor Negativo, pois não promove o desenvolvimento emocional das crianças. A Transação é dirigida ao Estado de Ego Criança Adaptada de ambas as crianças, pois há uma Injunção parental a ser cumprida. Possivelmente poderíamos colocar da seguinte forma: “Sejam bonzinhos e comportados: não incomodem, não façam confusão (não questionem). Desculpem-se mutuamente. A vida segue”.

Dessa forma a energia e espontaneidade da Criança Livre ficam ameaçadas. Resta pouco espaço para emergir e a lei de Economia de Carícias a confunde. Baixar o Pai Crítico, acionar o Adulto para que avalie as situações e reconheça o Pai Protetor Positivo pode contribuir para que a Criança expresse e desfrute Carícias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor(a)/educador(a) pode ser um importante colaborador não só da educação formal, da construção da cidadania, mas também da construção do sujeito. Portanto, a forma como lida com as crianças, particularmente com suas emoções (por exemplo, se fica indiferente, utiliza repreensões ou permissões), interferirá no desenvolvimento infantil (com repercussões na vida adulta).

Considerando que cuidar e educar são aspectos integrados, é necessário que na creche/escola a criança tenha suas necessidades atendidas e seja acolhida em sua maneira de ser, sentir e comportar-se. Isso significa respeitar a criança como sujeito e promover oportunidade para que possa reconhecer e saber lidar com suas emoções, recusar e pedir

Carícias, falar e ser ouvida. Portanto, destaca-se a relevância da Educação Emocional no contexto escolar. É importante que as professoras possam reconhecer e saber lidar com suas próprias emoções, conhecer seu sistema de Carícias para que possam estabelecer vínculos saudáveis e promotores de Autonomia junto às crianças. Aprender a lidar com os seus sentimentos e reconhecer e catexizar os Estados de Ego adequados perante situações que podem ocorrer com as crianças ou com elas mesmas produz resultados positivos para o processo educativo, pois repercute em alta qualidade nas relações interpessoais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

BABCOCK, Dorothy; KEEPERS, Terry. **Pais ok, filhos ok**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERNE, Eric. **O que você diz depois de dizer olá?** São Paulo: Nobel, [1971] 1998.

_____. A Estrutura da Personalidade. In: _____. **Análise Transacional em Psicoterapia**. São Paulo: Summus, [1961]1985. cap. 2, p. 27-34.

_____. **Os jogos da vida: a psicologia Transacional e o relacionamento entre as pessoas**. Rio de Janeiro: Artenova, [1964] 1977.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 5/2009. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18, 2009a. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1564095/dou-secao-1-18-12-2009-pg-19>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer homologado pelo despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 9/12/2009b, Seção 1, p. 14-22. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2097&Itemid=. Acesso em: 20 abr. 2014

KERTÉSZ, Roberto. Terceiro instrumento: Estímulos Sociais ou Carícias. In: _____. **Análise Transacional ao vivo**. São Paulo: Summus, 1987. cap. 4, p. 71-85.

MERISSE, Antonio. Origens das instituições de atendimento à criança pequena: o caso das creches. In: _____ et al. **Lugares da Infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato**. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O currículo na educação infantil: o que propõe as novas Diretrizes**. In: BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de

Educação, Câmara de Educação Básica. 2010. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15860&Itemid=1096. Acesso em: 30 abr 2014

ROCHA, Eloisa A. C.; SILVA FILHO, João J.; STRENZEL, Giandréa R. **Educação Infantil (1983-1996)**. 2001. 161 p. Relatório. (Série Estado do Conhecimento)-MEC/Inep/Comped. Brasília, 2001.

SOUZA, Rosa Cristina Ferreira. **Manifestações afetivo-emotivas na infância: efeitos de sentido produzidos no discurso de professoras de educação infantil**. 2014. 144 f. Tese de doutorado (Doutorado em Ciências da Linguagem)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

STEINER, Claude M. A Economia de Carícias. In: _____. **UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS. Prêmios Eric Berne: 1971-1997**. Porto Alegre: Suliani, [1971]1997. p. 107-129.

_____. **Os papéis que vivemos na vida: a análise Transaccional de nossas interpretações cotidianas**. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

WOOLAMS, Stam; BROWN, Michael. Introdução à Análise Transaccional. In: _____. **Manual completo de Análise Transaccional**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979. cap. 1, p. 11-15.